

Biografias dos avós: uma experiência de pesquisa no ensino médio*

Verena Alberti**

Apresentação

Até que ponto uma história de vida permite compreender a história da sociedade? Esse tipo de pergunta faz parte do universo de preocupações do historiador que lida com documentos pessoais, biografias, entrevistas de história oral e outras fontes biográficas. Convencida de que experiências individuais podem ampliar nosso conhecimento sobre o mundo, venho desenvolvendo há três anos um projeto nas turmas do 3º ano do ensino médio da Escola Alemã Corcovado, onde leciono história. Os alunos são solicitados a escrever as biografias dos quatro avós, relacionando as trajetórias individuais aos momentos históricos por eles vividos. O objetivo desta comunicação é discutir os resultados e limites dessa experiência, à luz dos trabalhos trazidos pelos alunos.

Biografia e história

Desde as últimas décadas do século XX, historiadores e cientistas sociais têm chamado atenção para a relação entre biografia e história, no processo de compreensão e de produção de conhecimentos sobre o passado. Não se trata mais de privilegiar a

* Trabalho apresentado no Simpósio “Ensino de história: saberes e práticas curriculares”, coordenado por Ana Maria Monteiro (UFRJ), Artelette Gasparello (UFF) e Carmen Gabriel (UFRJ), no XII Encontro Regional de História “Usos passado”, organizado pela Associação Nacional de História (Anpuh) – Rio de Janeiro, realizado em Niterói, na Universidade Federal Fluminense, de 14 a 18 de agosto de 2006.

** Formada em história pela Universidade Federal Fluminense, mestre em antropologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e doutora em teoria da literatura pela Universidade de Siegen (Alemanha). Coordenadora do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Cpdoc) da Fundação Getúlio Vargas e professora de história da Escola Alemã Corcovado, no Rio de Janeiro.

biografia de “grandes homens” e o registro de seus “grandes feitos” como exemplos a serem seguidos pelos estudantes e cidadãos em geral, mas de tomar a trajetória de indivíduos, comuns ou não, como exemplos do que foi possível constituir em determinadas sociedades e períodos da história. Esse movimento das ciências humanas ocorre paralelamente ao aumento do interesse do público em geral por obras de cunho biográfico, que produziu um verdadeiro *boom* no mercado editorial, tanto no Brasil como no exterior.¹

As possibilidades oferecidas pelo uso da biografia no estudo da história ampliam a compreensão do passado baseada nas grandes estruturas ou nos períodos de longa duração, que durante muito tempo caracterizou a história produzida tanto pelo marxismo como pela chamada Escola dos Annales, surgida na França na década de 1930. Um exemplo dessa mudança é a intensificação do uso da metodologia da história oral no estudo de acontecimentos e conjunturas do passado recente. A realização de entrevistas gravadas com atores ou testemunhas pode colocar em xeque interpretações macrossociológicas, que, muitas vezes, não são suficientes para explicar opções e estratégias de ação de determinados grupos ou indivíduos. Além disso, o estudo de experiências particulares torna mais concreto o conhecimento do passado e permite perceber interseções entre o tempo histórico e a trajetória individual.²

A proposta feita aos alunos de ensino médio da Escola Alemã Corcovado para que pesquisem a biografia de seus quatro avós tem como objetivo, entre outros, ampliar seu conhecimento da história com base na trajetória de vida de pessoas concretas. Como o estudo do século XX é fundamental para a formação do aluno e para sua preparação para o exame do vestibular, o estudo da trajetória dos avós visa a aprofundar os conhecimentos sobre esse período, no Brasil e no mundo. Outro objetivo é enfatizar a

¹ Sobre as potencialidades e os limites dos usos da biografia na história, ver, entre outros: Schmidt, 2000; Levi, 1996; Ferreira, 1994; Bourdieu, 1986 e Alberti, 1991.

² Sobre a história oral e o estudo de experiências individuais, ver Alberti, 2004a e 2004b.

relação entre a história e nossas vidas, ou seja, fazer o aluno se sentir parte da história, à medida que privilegia, em sua pesquisa, a relação entre momentos históricos e a vida concreta de seus antepassados.

Um terceiro aspecto presente na proposta de pesquisa, ainda que menos evidente, é o da relação entre história e narrativa. Como relatar a história dos avós sem perder de vista a história das sociedades em que viveram? Como reunir informações de diferentes fontes, entre elas os relatos dos próprios familiares, e, com elas, construir um texto coerente, capaz de explicar ao leitor quem foram e o que fizeram aquelas pessoas? Além disso, como lidar com as questões delicadas, com assuntos que não convêm ser explicados, ou para os quais não se conseguiu explicação suficiente? E quando a história dos avós se torna comum – quando se casam, por exemplo? Como lidar com biografias entrelaçadas? Todos esses desafios talvez mostrem, para o aluno, que, ao produzir o texto da história de seus avós, está selecionando, fazendo adequações, descobrindo novidades, reiterando esquecimentos, omitindo detalhes, enfim, ajustando experiências à linguagem e vice-versa. *Mutatis mutandis*, esses são também os ossos do ofício do historiador, quando produz um texto de história.

Identidade e história familiar

A oportunidade de conhecer a história dos avós pode ser muito gratificante para alguns alunos. Em geral, na idade de 17, 18 anos, o estudante não tem muito conhecimento sobre a história da família a que pertence, e “ter de” fazer o trabalho da matéria de história o obriga a entrar em contato com esse assunto. Há dois anos, uma aluna escreveu, na conclusão de seu trabalho, que, ao receber a incumbência de fazer a pesquisa, pensou: “Em ano de vestibular, fazer uma biografia dos avós?! Isso é perda de tempo...” Mas, à medida que foi descobrindo a vida dos avós, especialmente de uma

avó, com quem teve longas conversas e com quem às vezes chorou junto, percebeu que, antes de partir para uma nova etapa da vida, era necessário entender quem ela era e de onde tinha vindo. Esse tipo de comentário é muito gratificante para a professora (ou o professor), que percebe que sua proposta encontrou ressonância e causou alguma transformação no aluno.

É claro que é importante, para a construção da identidade do indivíduo, que ele conheça sua história familiar: quem foram e o que fizeram seus antepassados? Esse conhecimento permite que se situe no mundo e na história e que forme uma espécie de capital intelectual e afetivo, que pode carregar para novas relações. Em geral, a partir do momento em que entra na faculdade e, adiante, no mercado de trabalho, não sobra muito tempo para o aluno fazer uma pesquisa sobre a história familiar. No ensino médio, com 16 para 18 anos, ainda é possível se dedicar ao assunto – nem que seja como tarefa de escola –, com a vantagem de, nesse momento, como disse minha aluna, a pesquisa possibilitar um conhecimento maior sobre si mesmo. Esse é o momento também de cuidar para que as informações sobre os antepassados não se percam – nomes, datas, profissões, instituições, bem como documentos, fotografias e testemunhos. Se, quando adulto, o aluno quiser se aprofundar no assunto, já terá dado o passo inicial, e seu trabalho escolar servirá de ponto de partida para outras pesquisas.

Entre as solicitações da proposta de pesquisa entregue aos alunos está a sugestão de que seu trabalho venha acompanhado de documentos textuais (certidões, carteiras de trabalho, passaportes, cartas etc.) e fotografias. Isso permite que, mais tarde, possam recuperar informações. Por exemplo: a certidão de casamento informa a data e o local do casamento dos avós e o nome dos bisavós. As fotografias permitirão identificar semelhanças entre descendentes e seus ascendentes, lembrar de familiares esquecidos, observar as roupas, os carros, as casas e as ruas da época. Os documentos escritos

permitem conhecer grafias antigas das palavras, ou ainda fórmulas tradicionais de documentos oficiais. Peço, porém, que toda documentação seja anexada em cópia, porque não quero correr o risco de perder os originais.

Há trabalhos que fazem muito sucesso dentro da família e se tornam referência para tios e primos, por exemplo, que querem compartilhar as mesmas informações. Isso é importante para que a memória familiar não se perca e ao mesmo tempo significa um reconhecimento importante do esforço do aluno.

Conteúdo: alguns destaques e impressões

Em geral, o material trazido pelos alunos é muito rico, com várias histórias de vida interessantes. Há os que nasceram, estudaram e fizeram carreira em uma mesma localidade ou cidade, como o Rio de Janeiro; os que para cá migraram de outros estados, e os que imigraram de outros países – da Alemanha, da Suíça, da Grécia, do Líbano, de Portugal, da Argentina, por exemplo –, ao longo do século XX. As histórias de vida permitem compreender movimentos populacionais, situações econômicas e conflitos – o principal deles é a Segunda Guerra Mundial, mas aparece também, como foi o caso de um trabalho feito há dois anos atrás, o massacre dos Armênios, que marcou a história da família de uma aluna. Para o professor e para os alunos, trata-se de uma rica fonte de conhecimento. O problema, contudo, é conseguir trabalhar essa variedade de forma consistente. Por falta de tempo, principalmente, a troca de conhecimentos acaba ficando restrita às iniciativas dos próprios alunos, que contam para os colegas as histórias de suas famílias.

A cada ano, o conjunto dos trabalhos apresenta algumas recorrências em função das quais poderiam ser agrupados – por temas, profissões, instituições, regiões, ou certos padrões de trajetória. Por exemplo, há as avós donas-de-casa, impedidas de

estudar ou trabalhar pelos pais ou maridos, mas há também aquelas que desafiaram os padrões e se profissionalizaram cedo. Há os engenheiros que trabalharam na construção de estradas nos anos JK e aqueles que foram trabalhar na Companhia Vale do Rio Doce, pela qual correram o mundo. Militares, advogados, carpinteiros, motoristas...

Muitos trabalhos também permitem recuperar um pouco a vida cotidiana e as diferenças em relação aos dias de hoje: o casal de namorados tinha de estar sempre acompanhado, a preocupação com o enxoval era grande, entre os transportes destacava-se o bonde etc. Além disso, há relatos de viagens, da construção de casas, de mudanças, da formação do patrimônio e de sua perda por crises econômicas ou mesmo problemas pessoais.

As biografias são desiguais em densidade e quantidade de informações. Em uma mesma família podem acontecer disparidades, e os alunos são incentivados a refletir a respeito e a explicá-las no trabalho: a falta de fontes e de documentos e a quase inexistência de contato com um ramo da família podem resultar em verbetes menos elaborados. Há casos em que o aluno me procura com antecedência para explicar que não poderá fazer a biografia de um dos avós porque simplesmente não tem contato com a parte da família que poderia fornecer informações a respeito. Nesse caso, sugiro que escolha outro personagem – um primo ou um tio-avô, por exemplo –, que tenha sido importante para os avós biografados ou para a família como um todo.

Chamam atenção, em quase todos os trabalhos, o respeito e o carinho que muitos alunos nutrem por seus avós; mesmo os que possuem biografias pouco expressivas são tomados como exemplos de vida, de ternura, de dignidade etc. Algumas vezes, esse movimento é de mão dupla e percebe-se que, quando são entrevistados, os avós procuram passar uma mensagem aos netos e aos leitores de seus trabalhos: um balanço sobre o significado da vida, impressões sobre o mundo atual etc. Outras vezes, ao

contrário, procuram justificar a ausência de envolvimento nos assuntos considerados “históricos” afirmando que de nada entendiam, ou, como é o caso de muitos imigrantes, evitavam se meter em confusão.

Quanto à construção do texto, observam-se igualmente variações interessantes. A maioria dos trabalhos recebe o título “Trabalho dos avós” ou “Biografia dos avós”, que é como eu mesma, professora, me refiro à tarefa. Mas há os que já aí investem um trabalho de reflexão, como é o caso de “Todos temos uma história: meus avós”, ou “Biografia dos avós: uma abordagem histórica”. Alguns elaboram introduções, considerações ou conclusões, que, em geral, são bastante interessantes. Nesses trechos, muitas vezes exprimem as dificuldades encontradas no processo de elaboração dos trabalhos, ou então os ganhos obtidos. É interessante observar também que há diferentes formas de intercalar a biografia com acontecimentos e conjunturas históricas. Há trabalhos em que as biografias, os contextos históricos e as considerações vêm completamente separados uns dos outros. Outros, ao contrário, onde até as biografias estão entrelaçadas: um parágrafo relatando o nascimento do avô no Rio Grande do Norte, por exemplo, e o seguinte, o nascimento da avó, quatro anos depois, em São Paulo, com referência à Revolução Constitucionalista de 1932, que modificou a situação na região.

Limites e dificuldades

A maior dificuldade no tratamento desse material, já aventada anteriormente, diz respeito à absoluta falta de tempo para trabalhar, com todos os alunos, o conteúdo e a forma das biografias produzidas. Como não há tempo a “perder” e matéria a dar, o trabalho sobre a biografia dos avós acaba se tornando uma atividade paralela às que são desenvolvidas em sala. Os alunos recebem a incumbência por escrito geralmente antes

do final do ano, com data de entrega marcada para abril do ano seguinte, a fim de que possam aproveitar as festas de natal e ano novo para, eventualmente, conversar com familiares e os próprios avós. Em seguida, fico à disposição para dúvidas e dificuldades, nos intervalos das aulas e nos recreios, se for necessário. Os próximos passos são a entrega propriamente dita dos trabalhos e a minha correção, durante a qual procuro registrar todas as observações que considero pertinentes e que envolvem o conteúdo, a narrativa e a forma de apresentação do trabalho. Sei que, ao longo da pesquisa e durante sua elaboração, os alunos trocam impressões e experiências, e algumas famílias têm oportunidade de manifestar suas opiniões a respeito em encontros comigo. Fora isso, contudo, não há condições de explorar melhor esse rico material.

Outro problema instigante é a avaliação do trabalho – que nota dar ao resultado? Percebo que, em alguns casos, o aluno teria condições de desenvolver bem mais a pesquisa (seja porque os avós estão vivos e acessíveis, seja porque são pessoas públicas sobre as quais há dados disponíveis em diferentes fontes), mas possivelmente não o fez por pouca dedicação à tarefa. Outras vezes, contudo, não há como avaliar o empenho: e se a relação familiar for delicada e for difícil, para o aluno, lidar com sua história? Decididamente esse trabalho não é terreno propício para se dar nota baixa! Se fosse possível, não daria nota, mas os alunos esperam ser reconhecidos por seu esforço e não seria justo dar nota máxima para todos.

Como os trabalhos em geral são extensos, sua correção é demorada – e aqui reside um terceiro problema para o professor, que tem de se desincumbir de muitas outras tarefas. Além dos documentos textuais e das fotografias, alguns alunos anexam ao trabalho reportagens, entrevistas, textos escritos pelos avós e outros materiais, que esperam que sejam lidos e reconhecidos pelo professor. Uma correção justa tem de ser

respeitosa em relação ao material compilado e ao esforço do aluno em corresponder às exigências do professor.

Muitos alunos esquecem de colocar, no trabalho, as fontes consultadas, o que constitui outro problema digno de nota, pois revela que não estão muito preocupados em relacionar a informação que obtêm à sua origem. Nas orientações para a realização do trabalho entregues por escrito está claro que é necessário mencionar as fontes utilizadas: documentos, livros, testemunhos de familiares etc. Esse “esquecimento” pode mostrar que o aluno não tem muita consciência do papel crucial da fonte na elaboração de um texto histórico.

Com esse trabalho, procurei registrar essa experiência de pesquisa no ensino médio, que tem sido bem-sucedida, mesmo considerando suas dificuldades e limitações. Trata-se de uma iniciativa pouco freqüente, se considerarmos essa faixa de estudantes, uma vez que as propostas de trabalho com as histórias de vida de avós se desenvolvem, em geral, nas primeiras séries do ensino fundamental.

Referências bibliográficas

Alberti, Verena - 1991 - “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa”.

Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.4, n.7, 1991, p.66-81

(disponível para *download* em www.cpdoc.fgv.br).

_____ - 2004a - *Manual de história oral*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas.

_____ - 2004b - *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas.

Bourdieu, Pierre - 1996 [1986] - “A ilusão biográfica”, in: Ferreira, Marieta de Moraes & Amado, Janaína (coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora

- da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.183-191 (originalmente publicado em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 1986).
- Ferreira, Marieta de Moraes - 1994 - “História oral: um inventário das diferenças”, in: Ferreira, Marieta de Moraes (org.). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 1-13.
- Levi, Giovanni - 1996 - “Usos da biografia”, in: Ferreira, Marieta de Moraes & Amado, Janaína (coord.), *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 167-182.
- Schmidt, Benito (org.) - 2000 - *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul, Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul (Edunisc).